Sobre variação e mudança no português do Brasil

aspectos morfossintáticos

Dinah Callou

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CALLOU, D. Sobre variação e mudança no português do Brasil: aspectos morfossintáticos. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae*: linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 161-170. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Sobre variação e mudança no português do Brasil: aspectos morfossintáticos

Dinah CALLOU
Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq

Introdução

Enfocam-se, nesta apresentação, quatro fenômenos morfossintáticos, na fala e na escrita, a fim de evidenciar que, na busca de explicações para fenômenos de variação e mudança no português brasileiro, é necessário levar em conta uma gama de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Observa-se, mais especificamente, a trajetória de uso (i) de *ter* e *haver em estruturas existenciais* (exemplos 1 a 4)*; (ii)* da *expressão de tempo futuro (simples e perifrástico (*exemplo 5); (iii) de *nós* e *a gente*, na posição de sujeito (exemplo 6) e (iv) do *modo subjuntivo ou indicativo em estruturas subordinadas* (exemplos 7 a 12):

1. **Há/tem** *mulheres* que se comportam da mesma maneira que homens
2. **Há/tem** *diferença* em quantidade de passageiros que leva
3. **Havia/tinha** muita *banana*
4. **Há/tem** *as reuniões* também informais onde as pessoas vão
5. Ela ***cantará/vai cantar*** na festa
6. ***Nós/a gente*** nos/se divertimos/divertiu muito na festa
7. Embora o argentino **viva/vive** dizendo que está na miséria
8. A *mãe de Maria não* ***quer*** *que ela* ***vá/vai***
9. *Parece* que nenhuma influência ***tenha/tem***
10. *Eu* ***acho*** *que eu* ***esteja/estou*** *muito jovem*
11. *Eu também acho que isso* ***pode/possa*** *acontecer*
12. *Confiei que efectivamente* ***havia/houvesse***

Nosso ponto de partida é o trabalho de Callou e Almeida (2009), que já evidencia que as alternâncias registradas (i) não representem um conjunto uniforme, nem em relação ao uso atual nem à sua origem, (ii) estão sujeitas a condicionamentos diversos e (iii) nem sempre caminham na mesma direção.

Foram utilizadas quatro amostras de fala culta, relativas a duas cidades brasileiras, Salvador (na região Nordeste – dados cedidos pela equipe local) e Rio de Janeiro (na região Sudeste – www.letras.ufrj.br/nurc-rj), registradas em dois períodos distintos de tempo, década de 70 e década de 90, do século XX, para o estudo da mudança em tempo real de curta duração. Para o PE falado, foram utilizadas amostras reunidas no Projeto VARPORT (www.letras.ufrj.br/varport), também referentes às duas décadas. Para a língua escrita (PB e PE), foram utilizados textos jornalísticos do mesmo período. A perspectiva de análise dos fenômenos é a da sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 1994).

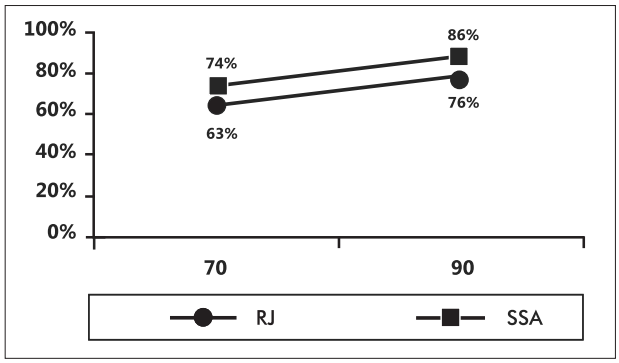
Pretende-se discutir a hipótese de (i) a variação de cada fenômeno estar relacionada à "alimentação" da gramática periférica, no processo de escolarização, ou à gramática nuclear, construída no processo natural de aquisição da linguagem, nos termos de Kato (2005) e também de (ii) os padrões de distribuição de uso poderem ser explicados também por fatores externos, pela sócio-história das comunidades, suas características demográficas e o poder identificador do dialeto. De um lado, observa-se o comportamento linguístico variável dos dois centros urbanos, Rio de Janeiro e Salvador, e, de outro, o das duas variedades continentais da língua portuguesa, português brasileiro (PB) e português europeu (PE).

1 Ter/haver-existencial e futuro simples *versus* futuro perifrástico

Para exemplificar a aproximação ou afastamento das variedades, são abordadas, de início, as construções existenciais, que, no português europeu, são expressas até hoje através da forma padrão com *haver,* em oposição ao PB, que dá preferência ao *ter-existencial*, e, em seguida, a implementação de uso do futuro perifrástico, comum a PB e PE.

As análises revelam que as duas cidades brasileiras apresentam, no que se refere às construções existenciais, comportamentos semelhantes, embora a penetração de *ter* no campo de *haver* esteja em estágio um pouco mais avançado na cidade de Salvador que na do Rio de Janeiro (CALLOU; AVELAR, 2000). O confronto das duas décadas sugere uma mudança em progresso: o percentual de *ter* salta de 63%, em 70, para 76%, em 90, no Rio de Janeiro; e, na fala culta de Salvador, o percentual passa de 74%, em 70, para 86%, em 90 (Figura 1).

Figura 1: ***Ter-existencial*** **na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador (Dados de Martins e Callou, 2002)**



Pode-se verificar que, tanto na fala culta carioca, quanto na soteropolitana, quatro condicionamentos atuam – dois intralinguísticos e dois extralinguísticos – tanto em 70, quanto em 90: tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e gênero do locutor. A análise relativa à fala culta de Salvador deixa evidente que nas mulheres das faixas etárias de 25 a 35 anos e de 36 a 55 anos a mudança já foi efetivada, sendo o uso de *ter* categórico, embora, na faixa que se inicia aos 56 anos, o uso de *ter-existencial* seja ainda inibido. A penetração de *ter* no campo de *haver* tem encontrado maior resistência entre os homens da terceira faixa etária, com apenas 45% de casos de *ter*-existencial. Comprova-se, mais uma vez, que são as mulheres que tendem a liderar os processos não estigmatizados de mudança linguística e que, quanto mais jovem o falante, maior a frequência de uso de *ter*. Levanta-se a hipótese de, no português brasileiro atual, a criança só adquirir o verbo *haver*, nas estruturas existenciais, durante o seu processo de aprendizado na escola. Nesse caso, a gramática periférica equivale à do português europeu.

Com relação ao tipo de argumento interno, que também se apresenta como relevante para a ocorrência de *ter* ou *haver*, tomou-se como referência uma classificação que estabelece quatro especificidades: **animado** (exemplo 1), **abstrato** (exemplo 2), **material** (exemplo 3), **evento** (exemplo 4).

13. **Há** *mulheres* que se comportam da mesma maneira que homens (70/RJ)
14. **Há** *diferença* em quantidade de passageiros que leva (70/SSA)
15. **Havia** muita *banana* (70/RJ)
16. **Há** *as reuniões* também informais onde as pessoas vão (70/SSA)

Nas duas cidades, os argumentos que apresentam o traço [+material], favorecem a ocorrência de *ter*, enquanto a de *haver* é favorecida pelos argumentos [+abstrato] e [+evento], ambos marcados pelo traço [-material]. A taxa de frequência, contudo, se amplia, de uma década para a outra, com qualquer tipo de argumento.

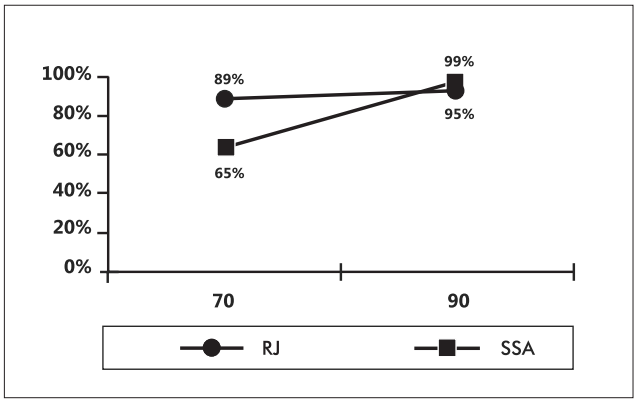
Ao contrário do que ocorre entre os falantes cultos do Rio de Janeiro, na cidade de Salvador, na década de 70, as formas do imperfeito do indicativo e do subjuntivo ocorrem

preferencialmente com *ter (*88%) e só eventualmente com *haver* (12%). Na década de 90, a distribuição já é semelhante à do Rio de Janeiro: 36% de *haver* no imperfeito.

Na escrita, o *haver-existencial* ainda prevalece, embora o percentual de uso varie, a depender do tipo e gênero de texto. Em textos jornalísticos, o uso do *haver* chega a 86% e o de *ter* apenas a 14%, situação inversa à da fala culta.

Em relação ao uso do futuro, Salvador apresenta uso mais restrito da forma de futuro perifrástico, na década de 70, que o Rio de Janeiro – que já se encontrava em estágio mais avançado –, mas evidencia aumento de índice percentual significativo, de uma década para a outra: 65% → 99%. No Rio de Janeiro, pode-se dizer que há relativa estabilidade, 89% → 95%, confirmando a hipótese de que um processo em estágio mais avançado de mudança progride mais lentamente em suas etapas finais (dados retirados de OLIVEIRA, 2006 - Figura 2).

Figura 2: Uso do *futuro perifrástico* nas duas cidades, nas duas décadas



De um ponto de vista estritamente linguístico, as formas inovadoras – *ter-existencial* e *forma perifrástica* de futuro – espraiam-se, na língua falada, na década de 90, por novos contextos (verbo não necessariamente no tempo passado, para o *ter-existencial*, e, futuro não necessariamente próximo, para a perífrase), embora, na escrita, predominem ainda as formas mais conservadoras, tanto numa comunidade, quanto na outra. Em Salvador, segundo Oliveira (2008), o uso do futuro simples em textos jornalísticos da década de 70 é de 91% e, na década de 90, de 75%, o que mostra um avanço da forma perifrástica, situação semelhante à da fala. Ainda segundo a mesma autora (2009), o uso da forma perifrástica em Revistas de Quadrinhos (*Turma da Mônica*), voltadas para o público infantil, já atingiu o percentual da fala: 92%. A forma do futuro simples se mantém em contextos com verbos irregulares, sujeitos inanimados e de futuro distante.

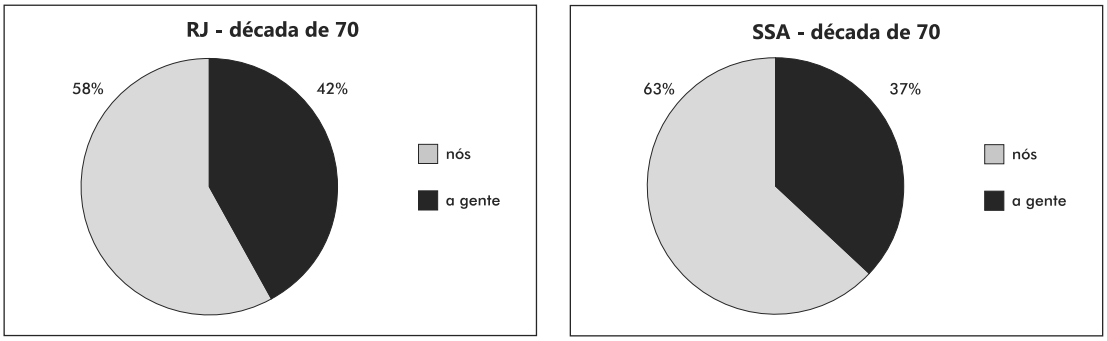
O confronto de todas as amostras (PB e PE) permitiu observar que nem sempre as duas variedades continentais da língua portuguesa seguem caminhos semelhantes, em relação a todos os fenômenos: ora PB se aproxima de PE, ora se afasta. Resumindo, em relação às existenciais, o PE mantém a forma padrão com *haver-existencial*, e, em relação

à implementação de uso do futuro perifrástico, em substituição à forma morfológica simples, a mudança no PE vai na mesma direção da do português brasileiro, talvez por vir de muito longe, já documentada no português antigo (MATTOS E SILVA, 2008).

2 *Nós/a gente* e subjuntivo/indicativo

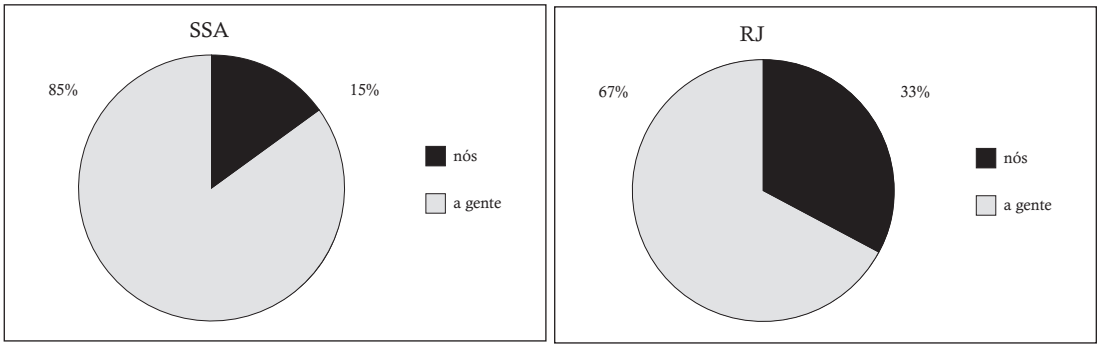
Dois outros processos em curso no português brasileiro, como os da substituição (i) do pronome *nós* por *a gente* e (ii) das formas do modo subjuntivo pelas do indicativo, vêm mostrando também comportamentos diferenciados, em sua origem, mas semelhantes nas frequências de uso, no Brasil. Na década de 70, a frequência de *a gente* no Rio de Janeiro e em Salvador (Figura 3) é praticamente idêntica, uma diferença apenas de cinco pontos percentuais (dados retirados de LOPES, 1993).

Figura 3: Uso de *nós* e *a gente* (década de 70), no Rio de Janeiro e em Salvador



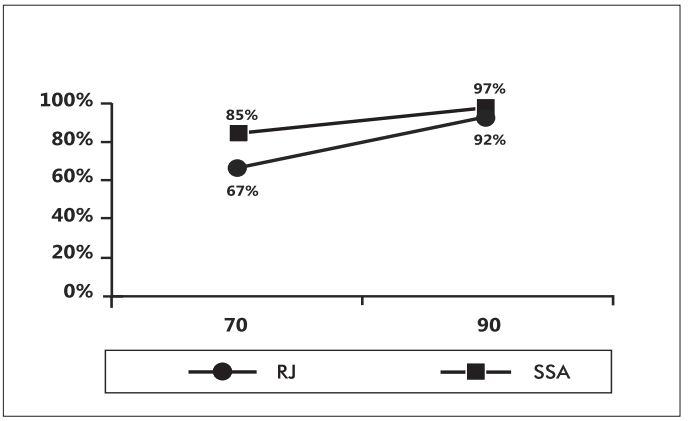
Embora a forma predominante, no geral, na década de 70, seja *nós*, é digna de nota a preferência, entre os jovens, já nessa época, notadamente em Salvador, pela forma mais inovadora, *a gente*, como se pode observar na Figura 4, relativa à primeira faixa etária (25-35 anos).

Figura 4: Uso de *a gente* na primeira faixa etária (25-35), em Salvador e no Rio de Janeiro (década de 70)



Na década de 90, o percentual de uso de *a gente* já atinge, nessa faixa etária, 97% em Salvador e 92% no Rio de Janeiro (Figura 5).

Figura 5: Uso de *a gente* na primeira faixa etária (25-35), no Rio de Janeiro e em Salvador, nas duas décadas (70 e 90)



Em termos absolutos, há um aumento significativo da frequência de uso nas duas cidades: no Rio de Janeiro, de 42% para 75% e, em Salvador, de 37% para 78%, como se pode verificar na Tabela 1, a seguir, comprovando a mudança, já evidenciada na preferência dos jovens pela forma *a gente* (Figuras 3 e 4):

Tabela 1: Percentual geral de uso de *a gente* nas duas cidades, nas duas décadas

Uso de *a gente*	**SSA**	**RJ**
Década de **70**	37%	42%
Década de **90**	78%	75%

Nos dados analisados, o português europeu apresenta percentual baixo de *a gente* (5%), na fala culta, com indício de retração da regra, em tempo aparente e em tempo real, já que os jovens são os que menos utilizam (2%) a forma. Constata-se redução não significativa de frequência de uso – 7% para 4% – no intervalo de 20 anos.

No *corpus* escrito, o percentual de uso de *a gente* é de 1%, tanto em PB, quanto em PE, o que parece indicar uma rejeição à forma inovadora, nas duas variedades continentais.

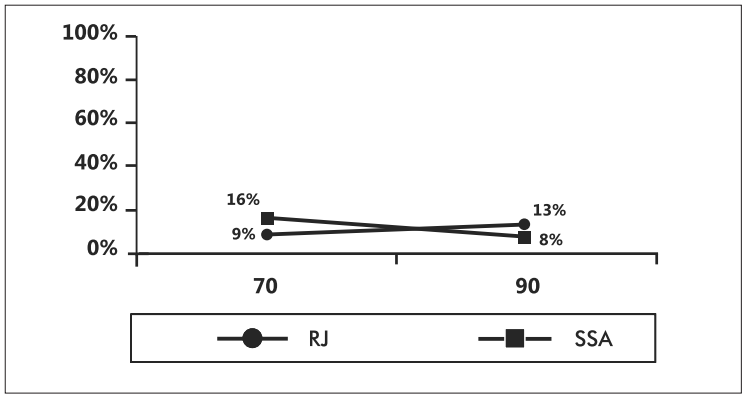
No que se refere ao *modo subjuntivo*, no PB, a ocorrência é mais ou menos frequente, a depender do tipo de subordinada. As *concessivas* (exemplo 17) apresentam o maior índice de uso (85%) e as *relativas*, o menor índice (9%). No caso das *completivas* (11% – exemplos 17 a 20), parece atuar o valor semântico-lexical do verbo da matriz:

17. Embora o argentino *viva/vive* dizendo que está na miséria...
18. A *mãe de Maria não* ***quer*** *que ela* ***vá/vai***
19. ***Parece*** que nenhuma influência *tenha/tem*
20. *Eu* ***acho*** *que eu esteja/estou muito jovem*

Se observarmos sua distribuição por cidade e década, levando em conta, a título de exemplificação, apenas as *completivas*, é possível concluir que Salvador e Rio de Janeiro seguem caminhos opostos.

Em Salvador, o uso do subjuntivo se reduz à metade, de uma década para a outra, mas, no Rio de Janeiro, aumenta quatro pontos percentuais (Figura 6), mesmo em contextos não previsíveis.

Figura 6: Uso do subjuntivo em *orações completivas*, nas décadas de 70 e 90, em Salvador e no Rio de Janeiro



No português europeu, o percentual de ocorrência do subjuntivo em orações completivas é um pouco maior que no português do Brasil (17%), mas existe a mesma tendência em reduzir seu uso de uma década (19%) para a outra (13%), a julgar pelos dados analisados (169 estruturas completivas – cf. exemplos 21 e 22), que mostram uma variação estável, com ápice de uso na faixa de 36 a 55 anos, que chega a 22%.

21. Eu também acho que isso *pode/possa* acontecer

22. Confiei que efectivamente *havia/houvesse*

Conclusões

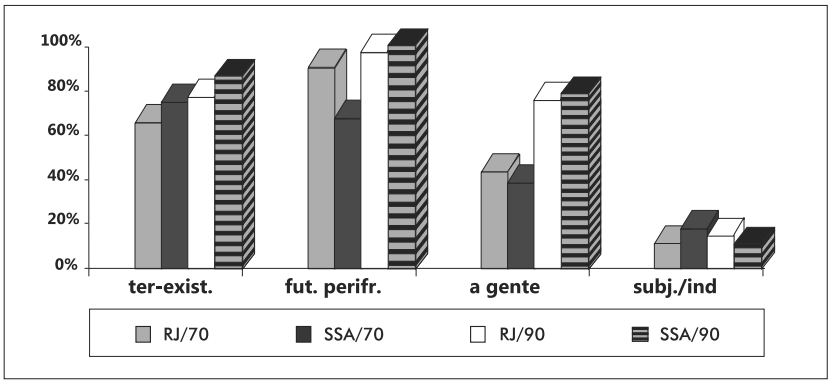
(i) Ao que parece, pode-se estabelecer uma correlação entre os padrões de distribuição dos fenômenos observados, nas duas décadas do século XX, e a sócio-história das comunidades, fato já referido em estudos anteriores (MOTA, 2002; OLIVEIRA, 2006; CALLOU; ALMEIDA, 2009).

Note-se que os indicadores sociais não são semelhantes. Na década de 70, a cidade de Salvador apresenta uma população alfabetizada estimada em 64%, chegando, na década de 90, a 70%. Além disso, nos últimos 30 anos do século XX, graças a uma constante migração interna e externa, a cidade duplicou sua população residente – de um milhão para dois milhões de habitantes – e quase triplicou a população migrante. No Rio de Janeiro, em virtude de o fenômeno da migração interna ser anterior à década de 70, os índices educacionais são mais altos. É necessário insistir no fato de que houve uma mudança no quadro percentual da população urbana e rural, mudança essa que não ocorreu

ao mesmo tempo em todo o país. O fenômeno teve início na Região Sudeste, na década de 50, e somente atingiu as outras regiões – e não da mesma forma – na década de 70.

Compare-se, inicialmente, a distribuição de uso na fala culta dos quatro fenômenos enfocados, resumida a seguir:

Figura 7: Distribuição de uso por cidade e por década



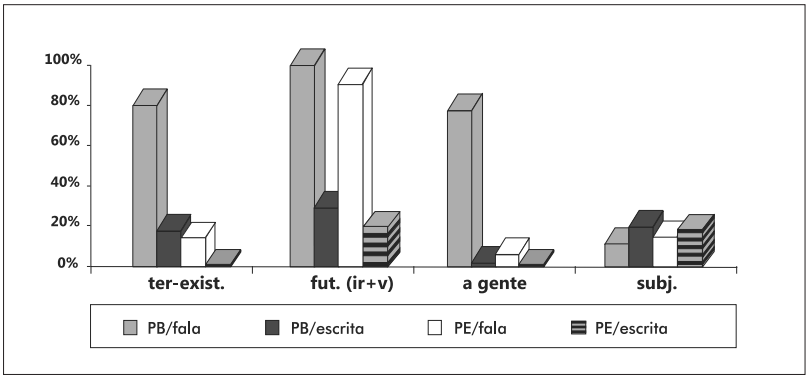
O que a Figura 7 revela é que, na década de 90, os usos, nas duas cidades, referentes aos três primeiros fenômenos, convergem, ora sendo uma a que apresenta percentual maior da forma inovadora, na década de 70, ora outra: no que se refere ao *ter-existencial* e à forma *a gente*, os falantes de Salvador se mostram mais inovadores; em relação ao *futuro perifrástico*, são os falantes do Rio de Janeiro. O *uso do subjuntivo nas estruturas completivas* deve ser observado à parte, uma vez que está menos sujeito a fatores externos e é determinado, em geral, como já se disse, pelo componente léxico-semântico do verbo da matriz, sendo necessário analisar cada verbo isoladamente.

(ii) As diferenças anotadas entre as duas variedades continentais mostram uma situação mais complexa: em relação a dois fenômenos, *uso da forma perifrástica de futuro* e o *uso variável do subjuntivo nas completivas*, casos em que a variação tem um rastro milenar, as duas variedades continentais seguem caminhos semelhantes.

(iii) No que diz respeito à fala e escrita, a variação de *uso da forma de futuro* é significativa; no caso do *subjuntivo*, não. Lembre-se que, nesse último caso, como se disse, o uso é determinado, em geral, pelo componente léxico-semântico do verbo da matriz e apenas alguns verbos apresentam um uso variável.

Em relação a dois fenômenos, PB e PE se afastam: PB mostra uma implementação das formas inovadoras, *ter-existencial* e *a gente*, e há uma diferença significativa entre fala e escrita; PE dá preferência, ainda, ao uso de *haver* e de *nós*, independentemente de se tratar de linguagem falada ou escrita (Figura 8).

Figura 8: Quadro geral das alternâncias de uso em PB e PE, na fala e na escrita jornalística



Para finalizar, retomando as hipóteses, pode-se dizer que, em todos os casos, há uma diferença entre fala e escrita, tanto em PB, quanto em PE -- em grau maior ou menor, o que, na proposta de Kato (2005), equivale a afirmar que a variação observada não está relacionada à gramática nuclear do falante, e sim à gramática periférica, decorrente do processo de escolarização. No caso do uso do *futuro perifrástico*, é importante ainda ressaltar que PB e PE apresentam o mesmo padrão de distribuição, no oral e no escrito, o que poderia sugerir que a gramática nas duas variedades é a mesma.

No âmbito da gramática naturalmente internalizada, segundo Avelar (2006),[1] não existe variação real entre *ter* e *haver* no PB, mas entre um "padrão *default*" de sentenças existenciais, para o qual se recorre ao funcional *ter*, e outros padrões diferenciados que se valem de verbos não funcionais com valores semântico-pragmáticos diversos, entre os quais se inclui o verbo *haver*. O uso de *haver* como existencial canônico da língua escrita não consiste, dessa perspectiva, num reflexo de procedimentos internos à gramática nuclear, mas do provimento da gramática periférica por elementos de prestígio no processo de escolarização. Atentando para o fato de o aprendizado da língua escrita no Brasil ter como alvo estágios anteriores da língua ou a norma do português europeu – muito embora o resultado final não seja nem uma coisa nem outra, como destacado em Kato (2005) –, fica fácil entrever a razão da supremacia de *haver* e da tendência à supressão de *ter* na língua escrita.

Essa primeira comparação poderá ser estendida aos outros aspectos referidos. No que tange à variação *nós/a gente*, diversos estudos com amostras diversas do português do Brasil (OMENA, 2003; LOPES, 1993, 2003; MACHADO, 1997, entre outros) procuram demonstrar os fluxos e contrafluxos da implementação da forma inovadora *a gente* sobre a mais antiga *nós.* As duas estratégias coexistem no português falado do Brasil e, aparentemente, a forma inovadora vem ganhando terreno nos últimos 30 anos, pelo menos na fala.

No caso do *uso do futuro perifrástico*, já foi ressaltado que PB e PE apresentam o mesmo padrão de distribuição, tanto na fala, quanto na escrita, o que poderia sugerir, insistimos, que a gramática nas duas variedades é a mesma.

1 Cf. Avelar (2006) para uma discussão mais detalhada em torno desses possíveis valores.

Referências

AVELAR, Juanito (2006). De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro. *Letras de hoje*, Porto Alegre, n. 143, p. 49-74.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito (2000). Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, Niteroi, n. 9, p. 85-114.

CALLOU, Dinah; ALMEIDA, E. (2009). Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades. In: FROTA, Sônia e SANTOS, Ana Lúcia (Org.). *XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. *Textos seleccionados.* Lisboa: Colibri. p. 161-168.

CALLOU, Dinah; ALMEIDA, E. (2009). Sobre o uso variável do subjuntivo em português: um estudo de tendência. Comunicação ao *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (APL). Universidade de Lisboa, 2009.

KATO, Mary A. (2005) A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (Org.) *Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino.* Braga: Centro de Estudos Humanísticos (Universidade do Minho). p. 131-145.

LABOV, William (1994). *Principles of linguistic change*: *internal factors*. Cambridge: Blackwell.

LOPES, Célia Regina dos Santos (1993). *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOPES, Célia (2003). *A inserção de* a gente *no quadro pronominal do português.* Frankfurt am Main/ Madrid: Vervuert/Iberoamericana. vol. 18.

MACHADO, M. dos S. (1997). Sujeitos pronominais *nós* e *a gente* em dialetos populares. *Graphos*, Niterói, 2 (1), p. 5-22.

MARTINS, Luciene; CALLOU, Dinah (2002). *Variação e mudança na fala culta do Rio de Janeiro e de Salvador: ter e haver em construções existenciais***.** CELSUL, Florianópolis.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). *O português arcaico*: *uma aproximação*. Lisboa: IN-CM.

MOTA, Jacyra (2002). *O /S/ em coda silábica na norma culta de Salvador*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Josane (2006). O *futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.* Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Josane (2008). Qual o *futuro* da Bahia? Comunicação apresentada ao XV Congresso Internacional da ALFAL. Montevidéu, 18-21 de agosto. Publicação em CD.

OLIVEIRA, Josane (2009). O *futuro* da Turma da Mônica. Comunicação apresentada na ABRALIN. João Pessoa, 4-8 de março. Publicação em CD.

OMENA, Nelize Pires de (2003). A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa /FAPERJ. p. 63-80.

Fontes de dados:

Síntese de indicadores sociais 2003. (2004). Coordenação de população e indicadores sociais. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

www.letras.ufrj.br/nurc-rj

www.letras.ufrj.br/varport